

A passarinho

Num feio fim de tarde desses, anos atrás, eu estava com uma grotesca, gigantesca porção de frango a passarinho posta em minha mesa numa bardaria na Augusta.

Porção: quantidade aleatória de petisco. Não se engane pelo ÆO, às vezes você recebe cinco polentas meio queimadas com um CHUMAÇO DE ALFACE SECO por vinte reais.

Bardaria: Meio Bar, Meio Padaria. Patrimônio Cultural de São Paulo.

Frango a passarinho: Segundo a Astrologia das Porções, técnica GASTROMÍSTICA que eu mesmo desenvolvi, pedir uma dessas num sábado à tarde “é sinal que algum desafeto do passado ressurgirá. É tempo de refletir”.

Do outro lado da mesa, um amigo, desses que o insulto vem fácil, o tipo de pessoa com quem geralmente eu gosto de sair para tomar uns copos de cerveja Da-que-tem.

Em tempo: nessa época, eu saía de casa às seis da manhã, chegava na FMU às sete e ficava lá até às onze. De lá ia trabalhar, entrava ao meio-dia e largava às dez da noite. Chegava em casa às onze, tomava banho, jantava, ligava pra dar boa noite pra gata, *upava*

meu Tauren Guerreiro, assistia *Family Guy*, desmaiava e acordava às seis da manhã para repetir o processo.

Algumas vezes, no sábado, “pediam” para eu trabalhar de manhã. Saía mais cedo e sobrava tempo pra colar na Augusta, debater regras de apocalipse zumbi, clichês de filmes pornô, desabafar sobre as tosqueiras do trabalho e soltar epifanias sobre coisas como *South Park*, “Rap do Trem”, black metal, infância, Rússia, *Silent Hill*, *Clube da luta*, Zé do Caixão e cada assunto fazia ligações com sentimentos, neurais e desejos. O final do papo sempre trazia ZERO conclusões.

Eu já tinha minhas ideias políticas e soltava elas naturalmente se o papo pedisse. Sem aquela coisa de passar na miúda o MILITÂNCIA LATTES, como tem hoje um pessoal que faz. Sem um lance de DAR O BRIEFING MORAL de tudo. Negócio de bar com pauta É O FIM DE TUDO — O FIM — ILLUMINATI VENCERAM — MAIAS SABIAM — 666 — O FIM. O que combina com pauta é café. Me chamou pra café, já sei que é pra eu me conter que o negócio é sério. Chamou pro bar, é um convite ao Caos Mental e à Desorganização de Pensamento Com Direito a Karaokê.

POIS BEM.

Num fim de tarde desses, estávamos de assunto-comum, de humor encorajado pela cerveja e dando um pouco de dignidade ao dia cansativo

QUANDO

um rapaz loiro tipo *A lagoa azul*, curtido de um sol generoso, um cabelo cuidadosamente bagunçado, um desleixo planejado, sujeira tipo ateliê, cheiro de sabonete caseiro com haicai esculpido feito por uma amiga que fugiu pro planalto central e mudou o nome para Cianarê,

chega ao nosso lado e pergunta:

— Boa noite.

Quer dizer, a abordagem foi primeiramente um boa-noite. Depois, sim, ele perguntou:

— Posso fazer uma pergunta?

Pude perceber nas sutis expressões de seu rosto que ele estava DESGOSTOSO de ver aquela desproposital porção de frango a passarinho na mesa e já pensei que seria uma conversa sobre o que achávamos de ter pedaços de um cadáver num prato ornamentado com limão e um projeto de salada, que seriam mergulhados numa solução improvisada de ketchup, mostarda e sei lá mais o quê.

Mas não. Ou sim, mas esse não era o assunto.

— Claro!

Respondeu meu amigo, e é por isso que eu ando sempre com alguém minimamente mais sociável que eu.

Agora vocês se preparem.

Sérião, se preparem que lá vem.

Ao invés de fazer a pergunta de cara ele resolveu começar contando uma história.

— É que sou estudante e meu trabalho de conclusão é um experimento social...

O tempo é uma coisa interessante. Apesar da pouca duração da frase, essa já foi suficiente para eu entrar num devaneio muito profundo. É que eu dei uma olhadinha pra baixo e vi que dentro das sandálias que o rapaz calçava descansava um pé

SENHORAS E SENHORES, QUE PÉ.

Que pé bonito, unhas impecáveis. Uma lisura! Sem a velha cicatriz de quem errou o cálculo na hora de meter uma bicuda numa bola de capotão e rasgou o dedão.

Sabem que o corpo da gente carrega AS MARCAS DA VIDA, né?

Eu consigo olhar pro pé de alguém que mora em São Paulo e já dizer em qual estação a pessoa faz baldeação. É um negócio doído. Tem todo um padrão de deformações causadas por pisadas na Sé. É um estudo muito matemático, viu. Mas aquele pé, não.

QUANDO EU TENHO CRISE DE ANSIEDADE PENSO NAQUELE PÉ E ME ACALMO.

Nunca vi uma coisa mais lisa e bem desenhada que aquele pé INCÓLUME à existência em São Paulo.

Daí ele:

— ... o meu projeto consiste em abordar pessoas em locais públicos e INTERFERIR

... na conversa delas...

Um momento aqui.

A essa altura você já deve estar começando a entender o que seria esse EXPERIMENTO, né? Não? Prossigamos.

— ... então eu gostaria de pedir permissão para me sentar aqui e participar da conversa de vocês por uns quinze minutos. E depois, se gostarem da conversa, vocês podem me dar o valor que quiserem pra ajudar na minha pesquisa.

AH LÁ. AH LÁ. AH LÁ.

É isso aí que você leu. Como é o nome mesmo que se dá a esse experimento social muito antigo?

Ah, sim, se chama

DAR UM MIGUÉ.

Esse cara tá de parabéns. Olha, meter um louco assim na caruda, desse jeito, não é pra qualquer um. E digo mais, eu acho que ele realmente devia acreditar que estava fazendo alguma pesquisa e aquilo tinha a mais remota relevância. Ou seja, ele DEU-SE UM MIGUÉ, que é uma forma muito complexa de se enganar.

Vamos recapitular. O cara loiro, de pés que ousariam caminhar sob brasas e permaneceriam em estado de perfeição, julgando nossa porção, quer interromper uma produtiva conversa sobre como uma faca é mais eficiente a longo prazo que um fuzil em uma cidade infestada por zumbis, que dois caras cansados, explorados, com os pés moídos, duas integrações diárias de metrô, usando o segundo volume morto do cheque especial, pagando breja com VR, tinham numa das raríssimas oportunidades do mês para relaxar,

E SER PAGO POR ISSO?

Eu escrevo coisas e mostro pras pessoas, então isso por si só prova que eu tenho um ego enorme. Mas o quanto você tem que se sentir o Floco Especial de Neve pra achar que sua presença é tão superior que você merece ser recompensado por ceder seu tempo pra interferir na conversa das pessoas?

— Putz, mano. Não vai rolar, estamos no cartão.

— Beleza, então. Vocês podem me pagar alguma coisa e tal.

MALUCO.

Como é o nome daquela comédia que passava na Sessão da Tarde?

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS.

— Cê quer um pedaço de frango? Pode pegar.

— Não, vocês teriam que me pagar mesmo. É porque não estou mendigando, é um experimento social e tal. Vocês entenderam como é que funciona?

“VOCÊS ENTENDERAM COMO É QUE FUNCIONA?”

SEUS BURROS INÚTEIS. EU TÔ AQUI TENTANDO EXPLICAR A PROFUNDIDADE DA MINHA PESQUISA E VOCÊS REGULANDO. VOCÊS DOIS COM ESSAS CARAS DE POBRES E QUE ARRUMARAM UM TRAMPO NO QUAL É OBRIGADO IR DE SOCIAL ENQUANTO TENHO ESSES

PÉS ATENIENSES. EU ACORDO DE MANHÃ PRA FAZER SAUDAÇÃO AO SOL E É ELE QUE ME SAÚDA SEUS FILHOS DE UMA...

— Não, mano. Não vai rolar porque a gente não quer.

Resolvi, num rompante de sinceridade que surge mais do cansaço que da honestidade.

Daí ele deu aquele sorrisinho, sabe? Sabe o sorrisinho? A arrogância? De quem quer te constranger diante da sua própria estupidez. Porque somos pobres coitados. Dois homens. Frango a passarinho. Camisa fora da calça. Rindo. Que rudimentar. Que século 19. Vou deixá-los à mercê da própria insignificância e irei levar minha luz e pés divinos à mesa ao lado.

E disse:

— Beleza.

Saiu e foi à mesa ao lado. Um grupo de amigos descontraídos, roupas leves, sentam em pose de meditação em qualquer lugar possível porque o sentar-comum é uma normatividade. Compraram a ideia do cara na primeira frase. Aliás, compraram já no visual desleixo-ateliê, precisava ele nem abrir a boca. PAGARAM ADIANTADO e quando o cara sentou com eles, comentou algo sobre nós, se viraram

TODOS

olharam pra nossa porção e deram uma risada.

Que pés eram aqueles, senhores?

— Bom, uma faca é mais que uma arma, ela é uma ferramenta portátil e silenciosa e...